

Acessibilidade da arte ao público deficiente visual: uma ação educativa inclusiva no Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná - MusA

Art accessibility to the visually impaired public: an inclusive educative action at the Federal University of Paraná's Art Museum - MusA

Diele Fernanda Pedrozo de Moraes ^(a)

^(a) Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Desenho pela Universidade Federal do Paraná, atualmente é Arte Educadora da Escola de Educação Especial Professor Osny Macedo Saldanha, atendendo alunos cegos e com baixa visão, e Coordenadora da Ação Educativa Inclusiva do Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná - MusA - UFPR. fernandaufpr@hotmail.com

Resumo

Atualmente fala-se muito no assunto “inclusão”, mas o que seria incluir? Fazer com que a criança com necessidade educacional especial adapte-se ao meio, ou, adaptar o meio a essa criança? Essa reflexão vai além da deficiência, da acessibilidade e das barreiras arquitetônicas. A iniciativa de pensar a Ação Educativa voltada para o público deficiente visual se deu a partir da participação na pesquisa e montagem da Exposição Rubinski - do Silêncio, no Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná (MusA), no ano de 2006. Em contato com a obra do artista Mário Rubinski, notou-se a possibilidade de transposição das imagens utilizando materiais que pudessem tornar táteis as linhas de contorno presentes nas composições. Para a primeira experimentação, foram convidados alunos da Escola Osny Macedo Saldanha, com idades entre 7 e 14 anos. O principal objetivo dessa iniciativa, inédita no Paraná, foi implantar no MusA não somente uma visita guiada às pessoas não-visuais, mas também criar uma interação entre as Escolas de Educação Especial e o Museu, com materiais de apoio pedagógicos que podem ser utilizados para reforçar, facilitar, e apoiar o professor, independentemente das características físicas ou intelectuais de seu aluno. Podemos dizer, a partir das experiências vivenciadas na Ação Educativa Inclusiva, que incluir é preparar não só o meio para essa criança, mas sim preparar o meio, fazendo com que ela se sinta parte de um todo.

Palavras-chave: Ação Educativa. Educação Especial. Deficiência Visual.

Abstract

There have currently been a lot of talks about “inclusion” but, what does it really mean? To have a child that presents special educational needs adapt to the environment, or have the environment adapt to this child? Such reflection goes beyond disabilities, accessibility and architectonic barriers. The initiative of thinking about an Educative Action focused on the visually impaired public was born from the participation on the research and assembly of the Rubinski Exposition - about Silence, at the Federal University of Paraná’s Art Museum (Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná - MusA), in the year 2006. In contact with the artist Mário Rubinski’s work, we noticed the possibility of converting the images by using materials that enabled the contour lines from the compositions to become tactile. For the first experiment, students from Osny Macedo Saldanha School, bearing ages between 7 and 14 years of age, were invited. The main objective with this initiative, never done or seen before in Paraná, was to implement at MusA not only a guided tour for visually impaired people, but also to create an interaction between Schools of Special Education and the Museum, with pedagogical support material that may be used to reinforce, facilitate and aid the teacher, regardless the student’s physical or intellectual characteristics. We might say, from the experiences lived during the Inclusive Educative Action, that to include means preparing not only the environment for such child, but especially preparing the environment, in order for the child to feel part of the whole.

Keywords: *Educative Action. Special Education. Visual Impairment.*

Introdução

O mundo em que vivemos está repleto de estímulos que, em sua maioria, só podem ser compreendidos por meio da visão. Os objetos são identificados à primeira vista pela sua aparência. A configuração exterior, isto é, a aparência visual apreendida pelo sentido da visão, é responsável pela aproximação inicial dos sujeitos com as características físicas e as significações dos objetos. É próprio do ser humano a predominância desse sentido para estabelecer suas relações sociais e suas comunicações.

Considerações como essa abrem questionamentos acerca da acessibilidade da imagem visual a pessoas não-visuais, e do papel dos espaços museológicos no sentido de acolher todas as crianças sem distinção. Foram

esses questionamentos que deram início a essa ação educativa direcionada ao público deficiente visual¹.

O primeiro contato com essa realidade aconteceu no ano de 2005, quando, ainda acadêmica do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Paraná, propus uma exposição de desenhos sensoriais voltada para o público não-visual, na escola de Educação Especial Professor Osny Macedo Saldanha; escola na qual hoje, atuo como professora-pesquisadora na busca de compreender o que acarreta não possuir o receptor visual no entendimento do mundo, e quais as possibilidades de ensino das artes para esses alunos.

Atualmente o assunto “inclusão” desencadeia uma grande discussão na educação. Mas o que seria incluir? Fazer com que a criança com necessidade especial se adapte ao meio, ou adaptar o meio a ela? Na verdade, essa reflexão vai além da deficiência, da acessibilidade, das barreiras arquitetônicas.

A experiência vivenciada como docente na escola em questão abriu-me novos questionamentos e, surgiu, então, a intenção de dar continuidade a esta pesquisa, pensando na possibilidade de tornar o Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná (MusA) um espaço acessível ao público deficiente visual, envolvendo não somente a adaptação do espaço, mas também uma real integração do deficiente visual no espaço museológico.

O MusA-UFPR foi inaugurado no dia 22 de abril de 2002. Como museu universitário, é um espaço dedicado ao ensino, à promoção e ao desenvolvimento de todas as formas de conhecimento, tanto pela formação quanto pela capacitação de pessoas. Além das exposições, desenvolve projetos de documentação e pesquisa de obras e artistas do acervo e, ainda oferece o serviço de arte-educação e monitoria; porém, não possui um espaço e atendimento acessível ao público deficiente visual.

Essa iniciativa, inédita no Paraná, tem como principal objetivo implantar na ação educativa do Museu de Arte da UFPR um espaço voltado

¹ Entende-se deficiente visual aquele que não possui visão (cego), ou aquele que possui baixa acuidade visual (baixa visão), no decorrer do texto o termo “não-visual” é utilizado como sinônimo de deficiente visual (MORAIS, 2006).

para o público deficiente visual que inclui: uma interação entre Escola Especial e Museu; produção de material de apoio (catálogos em braile e ampliados) e reprodução das obras em material tátil e oficinas pedagógicas voltadas a estes alunos.

Para a primeira experimentação foram convidados alunos, entre 7 e 14 anos, das séries iniciais da Escola de Educação Especial Professor Osny Macedo Saldanha, na qual leciono artes. Esses alunos foram levados à visita da exposição Rubinski - do Silêncio, exposta no MusA, no dia 13 de abril, das 14h30min às 16h30min.

Acesso e acessibilidade na obra de Mário Rubinski

A iniciativa de pensar a Ação Educativa, voltada ao público deficiente visual, se deu a partir da participação na pesquisa e montagem da Exposição Rubinski - do Silêncio, disponível para visita no Museu de Arte da UFPR (MusA), de 22 de novembro de 2006 a 11 de abril de 2007.

Em contato com a obra do artista Mário Rubinski, foi possível notar a possibilidade de transposição das imagens, utilizando materiais que pudessem tornar táteis as linhas de contorno presente em suas composições.

Duarte (2004), pesquisadora do ensino do desenho a crianças não-visuais, afirma que é possível construir uma noção totalizadora dos objetos, utilizando materiais e métodos adequados, permitindo às crianças cegas, de modo tátil, compreender as bordas dos objetos e suas “linhas de contorno”, como uma possível alternativa à inexistência da visualidade espacial.

Os elementos das obras de Rubinski, muitas vezes, funcionam como símbolos em suas composições, que em sua maioria são compostas por formas simples - casas, árvores, estradas, nuvens - imagens de fácil entendimento e que se apresentam corriqueiramente nos desenhos infantis; questões como essa foram determinantes para pensar a transposição das obras para o público não-visual.

A escolha das obras a serem transpostas para a forma tátil foi de extrema importância. Antes de pensarmos na transposição de qualquer

imagem ou objeto para o bidimensional utilizando a linha tátil, foi preciso analisar quais as possibilidades e impedimentos no entendimento do deficiente visual. Foram, então, selecionadas seis obras (Figura 1), nas quais as imagens não apresentam sobreposição das linhas dos elementos, facilitando assim o entendimento da imagem quando transposta para a linha tátil.



Figura 1– obras selecionadas do artista Mário Rubinski. Fonte: acervo da pesquisadora.

Cabe ressaltar que não se trata de uma tradução da obra do artista, a adaptação de materiais voltados para o público deficiente visual pode ser entendida como uma “incrementação” nas palavras do Professor Bill², que perdeu a visão aos três meses de vida. Segundo ele, as chamadas “adaptações” auxiliam todas as crianças no aprendizado, sejam elas deficientes, ou não.

Dessa forma, podemos afirmar que os materiais de apoio pedagógicos preparados para essa primeira experiência, foram pensados para o público deficiente visual, entretanto, podem ser utilizados para reforçar, facilitar, e apoiar o professor independente das características físicas ou intelectuais de seu aluno.

² Bill é Professor alfabetizador da Escola de Educação Especial Professor Osny Macedo

Processos da ação educativa inclusiva

Para aqueles que podem enxergar e que pretendem realizar um trabalho educacional envolvendo o público não-visual, a dificuldade mais significativa talvez seja em compreender e recordar que o cego não pensa com imagens visuais, ou seja, não pode recordar-se de uma cadeira, por exemplo, por meio de uma representação visual desse objeto.

No caso da criança que não possui o sentido da visão, a observação e a identificação dos objetos devem ser construídas de forma sistematizada, ou seja, um objeto por vez, utilizando todo o referencial e experiência que ela tem desse objeto. É importante que essa criança tenha um contato maior com os objetos a serem trabalhados, pois, quanto maior for sua experimentação, mais fácil a “imagem mental” desses objetos se fixarão em sua memória.

Podemos dizer que a formação da imagem mental não depende somente do sentido da visão, mas também, de todas as outras experiências sensoriais provenientes dos estímulos que recebemos (COHEN, 2001). Por isso, é possível afirmar que uma pessoa que nunca enxergou pode formar uma imagem mental de um objeto através de seus outros sentidos.

A formação da imagem mental dependerá das experiências acumuladas durante a vida da pessoa não-visual, das informações que foram passadas a ela e de sua formação social e cultural. Portanto, é necessário ressaltar que a ação educativa voltada para o público deficiente visual deve ser pensada de acordo com cada grupo, verificando com a Instituição quais são as necessidades do público a ser atendido.

Nessa primeira experimentação, foram convidados 20 alunos deficientes visuais (cegos e com baixa visão) da Escola de Educação Especial Osny Macedo Saldanha.

Sendo que, a ação educativa aconteceu em três momentos: uma preparação dos alunos para a visita ao MusA; a visita dos alunos à exposição; e a oficina com a presença do artista.

Museu na escola de Educação Especial

O primeiro contato dos alunos convidados com o MusA se deu dias antes da visita monitorada. Como já citado anteriormente, a formação da imagem mental do aluno não-visual, e, conseqüentemente, o conhecimento do mundo que o cerca, dependerá de sua experiência acumulada, portanto, é necessário que as formas presentes nas adaptações propostas pelo Museu sejam antes apresentadas a esses alunos.

No caso da Exposição Rubinski - do Silêncio, os elementos presentes nas obras do artista são geométricos, e formam elementos encontrados na natureza, porém, alguns não estão ao alcance de nossas mãos em uma totalidade (casas, árvores, estradas, etc.).

Foi necessário, portanto, saber qual o conhecimento dos alunos com relação a essas imagens.

Primeiramente foi necessário apresentar aos alunos os elementos em sua forma real: uma pequena árvore do jardim da escola; percorrer o caminho do jardim à sala de aula; explorar paredes, janelas e portas da sala de aula (Figura 2), e a partir dessas percepções, passamos a transpor essas imagens para o plano bidimensional com formas geométricas já cortadas em E.V.A (Figura 3).



Figura 2 e 3– conhecendo a árvore em forma real e as formas da uma casa no bidimensional.
Fonte:acervo da pesquisadora.

Percebendo o entendimento dos alunos com relação às formas, foi então apresentado o trabalho do artista Mário Rubinski através de uma entrevista ouvida pelos alunos, na qual o próprio artista relata como são feitas suas obras.

Cabe ressaltar que esse contato é de extrema importância para o conhecimento das necessidades do público a ser atendido, que, no caso da escola em questão, totalizam 4 turmas, nas quais se encontram alunos cegos, com baixa visão e alguns com outras deficiências associadas.

Conhecendo os alunos, é possível preparar uma visita monitorada eficiente, onde todas as pessoas envolvidas têm conhecimento das necessidades e potencialidades das crianças a serem atendidas.

Visita a exposição Rubinski - do Silêncio - MusA

A Exposição Rubinski - do Silêncio recebeu os alunos da escola referida aqui no dia 13 de abril de 2007, no período da tarde, em uma visita com duração de 2 horas. No dia, estavam presentes cerca de 17 alunos, também uma professora cega que acompanhou a visita, a diretora e uma estagiária da escola que auxiliaram no atendimento aos alunos. Para recebê-los estavam presentes o Diretor do MusA, Ronaldo Santos Carlos; a Coordenadora da Ação Educativa Inclusiva, Diele Fernanda Pedrozo de Moraes e duas monitoras formadas pelo curso de Educação Artística, que voluntariamente participaram dessa ação. A visita dos alunos ao MusA foi também registrada pelo Programa Caldo de Cultura, da UFPRTV.

Nesse momento da Ação Educativa percebe-se a importância de conhecer o público atendido, pois, no dia da visita ao MusA foi possível formar grupos de acordo com a idade e necessidade de cada aluno, para melhor atendê-los. Dessa forma, foram formados cinco grupos, e sentados no chão, foi iniciada uma conversa para saber qual foi a apreensão do conteúdo passado aos alunos na visita à escola. Cabe lembrar que o contato com o aluno deficiente visual é

muito importante no processo de aprendizagem para que a comunicação não seja apenas verbal, mas que envolva todas as percepções do aluno.

Percebendo que o assunto estava esgotado e que os alunos realmente haviam entendido a proposta do artista, foi apresentada, a cada grupo, uma reprodução de uma das obras do artista, sendo essa produzida em papel resistente, contendo a imagem em linhas de contorno, com contraste (preto no branco) para os alunos com baixa visão e simultaneamente perfuradas, produzindo uma linha tátil para os alunos cegos. Cada imagem possui, além das formas desenhadas no bidimensional, as mesmas imagens em peças de madeira que se encaixavam (Figuras 4 e 5).



Figuras 4 e 5 – a obra de Mário Rubinski em linhas de contornos contrastantes e táteis.
Fonte: acervo da pesquisadora.

Dessa forma, foi possível desenvolver nesses alunos não somente o conhecimento da obra, mas a real formação da imagem mental, pois era necessário um esforço maior da parte deles para compreender a imagem e montar as peças para formá-las. Os grupos puderam montar um total de seis obras pré-selecionadas, como citado anteriormente.

Oficina Pedagógica

O reconhecimento das obras do artista pelas adaptações táteis feitas foi seguido de uma oficina pedagógica, na qual os alunos tiveram a oportunidade de soltar a imaginação, construindo suas próprias “obras de arte” com as formas do artista Mário Rubinski cortadas em E.V.A., e por meio

de desenhos feitos com giz de cera, alfinetes e um suporte de material emborrachado para deixar a linha do giz tátil (Figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7– Trabalhos Oficina Pedagógica (alunos com baixa visão).
Fonte: acervo da pesquisadora.

É importante lembrar que a atividade desenvolvida com os alunos da Escola de Educação Especial não se encerra no MusA, ela tem continuidade no retorno à escola, que foi feito através dos catálogos Braille ampliados e distribuídos aos alunos e dos materiais de apoio disponíveis para serem trabalhados com os alunos em sala de aula.

Essa primeira experiência foi muito significativa no que diz respeito a uma intervenção entre a escola e um espaço não-escolar, conseguindo realizar uma verdadeira integração, pois, todo o material preparado atende a qualquer público, independente de suas capacidades intelectuais ou físicas, e isso, a meu ver, é a verdadeira inclusão: preparar não só o meio para essa criança, mas também preparar o meio, fazendo com que ela se sinta parte de um todo.

Considerações Finais

É inegável a importância da visão para o desenvolvimento, principalmente para quem a possui, sendo assim, justifica-se o impacto que sua ausência pode causar no desenvolvimento do indivíduo, no entanto, quando pensamos nesse atendimento voltado ao público deficiente visual indaga-se sob quais parâmetros essas concepções estão sendo calcadas. Ou

seja, a dificuldade existe, mas ela não é impeditiva do desenvolvimento e conhecimento da criança não-visual, pois, tal dificuldade está impregnada de expectativas sociais referentes ao processo de aprendizagem dessa criança.

No âmbito social e educacional, este estudo busca redimensionar o papel dos espaços museológicos no que se refere à inclusão, já que, na maioria das vezes, as crianças com necessidades educacionais especiais - neste caso em específico as crianças não-visuais - são vistas primeiramente pela sua “deficiência”, não por suas potencialidades. Embora a criança possa ser privada de um elemento biológico, físico ou sensorial, suas necessidades e habilidades são produzidas de acordo com suas possibilidades e oportunidades.

Reflexões, nesse ponto, se pautam na experiência como docente no contato com a realidade da criança não-visual e, principalmente, na busca incansável de conscientizar as pessoas ditas “normais” de que essa criança pode, e deve, se desenvolver como um ser integral, não considerando somente suas limitações, mas também suas potencialidades.

Seria pretensioso dizer que essa postura é capaz de mudar o conceito estabelecido em nossa sociedade, porém, a divulgação desta pesquisa e a discussão que aqui proponho se colocam como uma forma de democratizar o conhecimento sobre o assunto - acessibilidade da arte ao público não-visual - que, até o presente momento, se encontra ainda bastante desconhecido e limitado a um grupo pequeno de pesquisadores.

A integração³ da criança não-visual - seja no parque em que ela costuma freqüentar, na escola, ou em um âmbito maior na sociedade - diz respeito às possibilidades e oportunidades que essa criança tem para se desenvolver como ser humano. E essa condição, mais do que se pensa, está extremamente ligada a concepções, expectativas e representações que se tem a respeito de quem “não enxerga”.

É importante destacar que, para compreensão do público não-visual, foi necessário conhecê-los em vários aspectos - sociais, cognitivos, afetivos e

³ A palavra integração vem do verbo integrar, refere-se a “fazer parte de um todo”. (HOUAISS, 2004)

emocionais - esses conhecimentos, implicam em uma investigação por meio de observações, diálogos com a instituição de ensino e com o próprio público a ser atendido.

Retomando o objetivo principal desta pesquisa, podemos considerar que, os pressupostos referentes à possibilidade de formação de imagens mentais dos objetos, proporcionando ao público não-visual o entendimento de imagens, foram observados nessa primeira experiência da Ação Educativa Inclusiva do MusA. Os resultados das atividades propostas mostram o entendimento dos alunos no que se refere à linha de contorno dos objetos, bem como a sua utilização para reconhecer e representar graficamente as imagens presentes nas obras do artista Mário Rubinski.

É importante ressaltar que os resultados aqui apresentados não esgotam as possibilidades de intervenção do Museu com o público deficiente visual. A abertura de novas investigações motiva-me, como professora-pesquisadora, a dar continuidade ao estudo iniciado, principalmente em razão desse ter se constituído em uma experiência rica, significativa e muitas vezes inexplicável, que me insere na busca continua do conhecimento.

Referências

COHEN, H. **Neurociência para Fisioterapeutas**. 2 ed. São Paulo: Manolle, 2001.

DUARTE, M.L.B. Imagens mentais e esquemas gráficos: ensinando desenho a uma criança cega. In: MEDEIROS, M. B. de (Org.). **Arte em Pesquisa: especificidades - ensino e aprendizagem da arte; linguagens visuais**. v.2. Brasília: ANPAP 2004, p. 134-141.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva Ltda. Versão 1.0. Dezembro, 2004.

MORAIS, D. F. P. de. **Imagens Mentais: Ensino do Desenho para crianças não-visuais da Escola de Educação Especial Osny Macedo Saldanha**. 2006; 116f. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Educação Artística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.